

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

102

INSCRIÇÕES 451- 455



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2012

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE INSCRIÇÃO FUNERÁRIA ROMANA
DO PAÇO DA EGA
(*Conimbriga-Conventus Scallabitanus*)

Pequeno fragmento, mui provavelmente de inscrição funerária romana, de calcário de cor acinzentada, identificado em Abril de 2007, no âmbito dos trabalhos de acompanhamento arqueológico das picagens dos paramentos realizadas ao abrigo do Projecto de Recuperação do Paço da Ega (localidade que é freguesia do concelho de Condeixa-a-Nova), edifício donde provieram as inscrições publicadas no *Ficheiro Epigráfico* 98 (2012) sob os números 442-444, pelo que faz parte integrante de um valioso acervo no qual deverá ser correctamente enquadrado.

A investigação da documentação disponível associada à análise dos aparelhos construtivos permite-nos concluir pelo reaproveitamento das epígrafes romanas, nos inícios do século XVI e com provável proveniência das imediações, na sequência das obras levadas a cabo no antigo castelo templário de fundação islâmica.

À altura do seu achado, o fragmento encontrava-se inserido na fachada interna, posicionado debaixo de uma janela e sob um painel de azulejos aqui colocados aquando da construção de uma instalação sanitária já em período contemporâneo, compartimento contíguo à cozinha e à despensa do então antigo 1º andar. Nunca tendo sido removido, permanece no mesmo local, ou seja, na escadaria interior que dá acesso à sala de refeições do 1º piso. Tem cerca de 18 x 18 cm de dimensões conservadas e as letras apresentam cerca de 5 cm de altura.

[...] [?] / [...]ANA[...] / [...]GISO[...] / [...] [PII]SSIM[O]
[...] / [...] [?]

Apesar da exiguidade do fragmento, pode afirmar-se que terá havido cuidadosa paginação, inclusive com recurso a linhas auxiliares, que se sentem na regularidade dos caracteres e, até, na existência do breve traço horizontal que encima o primeiro vértice superior do N.

Os caracteres, do tipo monumental quadrado, muito regulares e simétricos, geometricamente gravados com goiva, não deixam dúvida de que são, pela sua grafia, de época romana, inclusive do século I da nossa era: N largo, A com travessão, O absolutamente circular.

ANA será, decerto, a terminação de um nome único ou de um *cognomen*. Na l. 2, parece-nos ler um G, de que se enxerga a curvatura superior e a breve haste vertical inferior. Antes do S, um I. -GISO remete-nos para a terminação, em dativo, de um *cognomen* ou nome único, cuja reconstituição não ousamos propor. Na l. 3, apesar de a fractura ter levado a metade inferior das letras (do M apenas se vê metade do seu lado esquerdo), a reconstituição do superlativo típico de textos funerários parece-se-nos plausível.

ANA LIMA REVEZ
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

FOTO: HÚMBERTO RENDEIRO

